

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
CINENOVA
28 de setembro de 2021

O MAR ENROLA NA AREIA / 2019

Um filme de Catarina Mourão

Realização: Catarina Mourão / *Texto:* Catarina Mourão e Patrícia Portela / *Imagem:* Paulo Menezes / *Som:* Armanda Carvalho e Tiago Matos (mistura) / *Montagem:* Pedro Mateus Duarte / *Direção de Produção:* Maria Ribeiro Soares / *Música:* Joana Gama, Luís Fernandes, Ricardo Jacinto e Bruno Pernadas / *Produção:* Laranja Azul / *Imagens de Arquivo:* Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Technische Informationsbibliothek, Hannover (TIB) e Câmara Municipal de Lisboa | Arquivo Municipal de Lisboa – Videoteca / *Cópia:* DCP, a preto e branco, falado em português e com intertítulos em português / *Duração:* 15 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

TEMPO COMUM / 2018

Um filme de Gonçalo Magalhães

Realização, Montagem e Fotografia: Gonçalo Magalhães / *Imagem (Pós-produção):* Gonçalo Ferreira / *Som (Pós-produção):* Bruno Oliveira / *Participações:* Tarcísio Amaro e Céu Amaro / *Cópia:* Ficheiro, a cores, falado em português, com legendas em inglês / *Duração:* 74 minutos / *Inédito Comercialmente* / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

Duração aproximada da projeção: 89 minutos.

Com apresentação de Gonçalo Magalhães.

A exibição dos filmes é antecedida ainda pela apresentação do festival interuniversitário CINENOVA, por Maria Cardeira, subdiretora para a cultura da NOVA FCSH, e Patrícia Lima, da produção executiva do festival.

“O mar enrola na areia / Ninguém sabe o que ele diz”. As imagens encontradas por Catarina Mourão, sobre as belas e serenas “vacanças” portuguesas, durante os tempos da ditadura, trazem à costa histórias, mitos e lendas, tendo como protagonista o “Sr. Catitinha”, também conhecido, sobretudo entre as crianças, como “o homem do apito”. Se o mar diz algo que não compreendemos, o dispositivo cinematográfico – subtil narração tirando partido de intertítulos misturados com uma montagem que inspeciona cuidadosamente a película encontrada em arquivos familiares – assinala uma verdade que se esconde, muito bem escondida, nas profundezas das imagens imediatamente percebidas – mas, lá está, não “mediatamente” – como puras ou inocentes. **O Mar Enrola na Areia** voga contra a inocência das imagens ou, melhor, contra a falsa inocência de uma sociedade que as vai enrolando na areia da memória, onde, como se conta num dos mitos e lendas narrados nos intertítulos (escritos à mão em cartões dispostos sobre a areia), as freiras se escondiam nos barracões da praia para bronzear o corpo. Como me contou Catarina Mourão numa entrevista concedida

a propósito desta sessão, “[h]á sempre algo escondido que vem à superfície quando menos se espera. Catitinha é uma metáfora desse elemento mais obscuro que as imagens revelam inadvertidamente”.

Quem era esse “Catitinha”, o tal “homem do apito”? Uma personagem “vaga”, mas aparentemente omnipresente nas praias do país (por exemplo, nas da Figueira da Foz e de Espinho), que entrava em cena, de modo sonante, chamando até si as crianças espalhadas pelo areal. Apresentava-se sempre impecavelmente vestido – de branco ou de preto, a cor é só “mais um” elemento incerto que faz parte da lenda – como uma espécie de avozinho bonacheirão que, como também se conta, brincava com as crianças sem nunca entrar no mar – aqui quase apetece escrever “sem nunca sujar o fato”. Há sempre qualquer coisa, da ordem do trauma ou de uma certa “sujidade” escondida (moral, claro está), que se insinua misteriosamente na figura de “Catitinha”. A sensação de que estamos na presença de um filme de terror *folk* é fruto dessa combinação virtuosa, a saber: o dito material encontrado em arquivos amadores manipulado de maneira sugestiva pela realizadora, a que se soma uma narrativa composta de pequenas histórias (Mourão baseou-se em memórias de infância e entrevistas realizadas para o efeito, no seguimento de uma pesquisa sobre praias no Arquivo Nacional da Imagem em Movimento [ANIM] e na Videoteca – Arquivo Municipal de Lisboa) e a que acresce uma banda sonora magnífica composta a várias mãos, da responsabilidade de músicos de excelência da nossa praça (Joana Gama, Luís Fernandes, Ricardo Jacinto e Bruno Pernadas).

Mudamos de paisagem: da praia para o campo. Mas também não sabemos ao certo o que a paisagem nos diz. Ou – porque precisamos da tal mediação, do olhar ou da mão que nos guia – lá vamos sabendo alguma coisa à medida que o realizador Gonçalo Magalhães, que teve nesta experiência, como me confidenciou, o seu “batismo de fogo” no meio do cinema, produzindo, filmando e montando, desenrola a história de vida do seu protagonista, um ex-mineiro, hoje dedicado à agricultura e pastorícia: o senhor Tarcísio Amaro. Estamos no tempo presente, em plena paisagem montanhosa da Serra da Estrela, ainda que aquilo que Tarcísio conta nos remeta sobretudo para o mesmo passado encoberto, “sujo” e difícil, do antigo regime. Trata-se de um filme de retrato nomeadamente sob influência, conta-me o realizador, de outro filme de Catarina Mourão, essa obra de autorrevisitação pessoal e familiar chamada **A Toca do Lobo** (2015). O tema de fundo é a história de um passado pouco conhecido, daqueles que trabalhavam oito ou dezasseis horas debaixo da terra, percorrendo vários quilómetros, de lá para cá, entre a casa e a mina – *storyteller* nato, Tarcísio diz que os 32 anos de serviço, durante os quais fez essas longas e perigosas viagens floresta adentro, permitiriam dar a volta ao mundo três vezes.

Hoje, o mundo de Tarcísio situa-se à superfície, entre as cabras, as maçãs, os pinheiros e, uma paixão antiga, a música (enquanto o fôlego não lhe faltar, é saxofonista na banda filarmónica de Casegas). A companhia invisível, omnipresente neste filme, é a memória, ligada ao labor árduo mas também à guerra colonial. Se “Catitinha” era uma figura mítica, transformada em metáfora de um tempo e de um regime, Tarcísio é uma personagem bem real que exercita frente à câmara quer a sua aptidão com a foice e o seu trato sensível com os animais, quer a memória, lembrando e fazendo lembrar como quem “lambe feridas mal saradas”. “Uma das premissas era ele poder falar destas memórias: ‘Vamos fazer um registo para que as pessoas saibam.’ A relação com a guerra é uma memória que ele tinha muito presente e que fui puxando, para que ele falasse espontaneamente. É um tema presente, talvez também por padecer de *stress* pós-traumático”, revelou-me o realizador.

Neste particular, e na senda de um cinema, como o descreve Catarina Alves Costa no seu livro recente, *Cinema e Povo: Representações da Cultura Popular no Cinema Português*, que presta culto ao povo e à sua autenticidade, assentando raízes em António Campos e António Reis/Margarida Cordeiro, Gonçalo Magalhães estabelece uma ligação poderosa entre duas paisagens ou, até, entre dois conceitos: o de terra e o de território. A terra, como santuário ou arena de afetos, arte e sobrevivência, contra o território, como local de disputa e de guerras vãs, bárbaras e injustas. O homem, hoje livre, respirando o ambiente de ar limpo da floresta, também propiciado pelo pinheiral, sobra como testemunha preciosa de um tempo passado que diz respeito a todos, a um país que ainda não se sabe recordar dos seus piores anos. O título é particularmente feliz, neste aspeto: o tempo comum não é “ordinary” (cito o título em inglês do filme: “Ordinary Time”), mas partilhado, pois se constitui em comunidade com este homem e envolvendo-nos ou convocando-nos. A força do retrato lembra, por isso, menos o utopismo pastoral de António Reis/Margarida Cordeiro ou até de António Campos e mais o retrato intimista de um país contido na presença ou testemunho de um homem, por sinal cidadão, chamado Belarmino Fragoso, em **Belarmino** (1964) de Fernando Lopes. Gozando da liberdade associada a tantas produções de “um homem só”, Gonçalo Magalhães encontra o Belarmino que procurava no Portugal profundo, na terra do seu avô (que foi mineiro tal como Tarcísio e a quem o realizador dedica o filme), dando voz ao seu cinema, isto é, ao cinema da sua memória, contando por ele, com ele, esta história, que é dele mas também é nossa. É saber escutá-la.

Luís Mendonça